

Ulisses Guimarães Maciel

SAMUEL
BECKETT
WATT

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

*“Obscure Keys may open simple locks, but
simple keys obscure locks never.”*

Watt

Watt foi escrito entre os anos 1941-1945, sendo que em sua maior parte, na pequena cidade de Roussillon, no interior da França, durante o período no qual Samuel Beckett se refugiava, após sua célula na resistência à ocupação nazista ser descoberta pela Gestapo. O livro, classificado pelo autor como “only a game, a means of staying sane” (2009, p. viii),¹ configura seu último esforço para compor um romance em língua inglesa capaz de atender a seus anseios estéticos. Publicado no ano de 1953, *Watt* traz como tema central a crise do pensamento moderno no trato com a dualidade da relação sujeito-objeto e a irônica persistência de um personagem que, em vão, procura esgotar toda e qualquer possibilidade de compreensão da realidade por ele experienciada. E isso, prontamente nos remete ao conceito de “*non-relation*”, descrito por Anthony Uhlmann como um princípio de

1 Apenas um jogo, uma maneira de se manter são (nossa tradução).

exaustão ou negação na arte, desenvolvido por Beckett com o intuito de se opor à tradição artística cuja ênfase sempre se deu sobre a relação e o poder dessa relação (2015, p. 2). Esse comportamento que, de início, aparenta isolar o protagonista em uma espécie de labirinto intransponível, acaba por nos revelar as particularidades de um mundo mergulhado em uma irracionalidade lógica dificilmente desassociada do contexto político-filosófico testemunhado pelo autor na primeira metade do século XX. De tal modo que Watt se encontra incapaz de solucionar as questões que se colocam no cerne de um paradoxo quase que absoluto.

Como apontado por Raymond Jean na edição de 1 de fevereiro de 1969 do *Le monde*: “It may be that Watt is in fact ‘What’: Who? What? Nobody. And Knott, his elusive partner, may be ‘Not’ ‘Nothing.’ It doesn’t matter” (1999, p. 142-143).² O que importa, aparentemente, é a ligação dos protagonistas com algo diretamente ou simbolicamente vinculado à questão da dúvida, da falta de certeza e até mesmo de segurança. A estrutura da obra, composta em um primeiro momento, de forma semelhante a *Murphy*, vai se distanciando gradativamente, até ser tomada por aspectos narrativos que desafiam o leitor

2 É possível que *Watt* seja, de fato, “what”: Quem? O que? Ninguém. E *Knott* seu elusivo parceiro seja “Not”, “Nada”. Não importa (tradução nossa).

a questionar, por diversas vezes, a natureza daquilo que se está lendo; antecipando, em certa medida, a desconfiança e a instabilidade de uma escrita que, mais tarde, seria empregada no processo de composição da trilogia do pós-guerra: *Molloy*, *Malone dies* e *The Unnamable*. Em uma espécie de realismo às avessas, Beckett coloca o leitor como coabitante de um mundo dominado pela precariedade dos sentidos e da consciência de uma realidade histórica absurda. Ou como destaca C. J. Ackersley no prefácio da edição de 2009: “Watt’s endeavour to bear witness, to comprehend the essence of his master, Mr. Knott, by means of his accidentals [...], leads not to a knowing but to a philosophical impasse, a consequent breakdown and finally to madness” (p. vii).³ Em resumo o que se presencia é a contraposição imposta pelos dois extremos do pensamento moderno e sua dificuldade em lidar com os aspectos do conhecimento que, invariavelmente, se fecham em uma espécie de encapsulamento metafísico. Se, por um lado, Watt simboliza essa pulsão imanente pela compreensão da realidade, por outro, o Sr. Knott surgirá como a representação irônica do fracasso na busca por uma sistematização das experiências

3 O esforço de Watt para testemunhar, para compreender a essência de seu mestre, o Sr. Knott, por meio de suas falhas [...], leva não a um conhecimento, mas a um impasse filosófico, um consequente colapso e finalmente à loucura (tradução nossa).

humanas, ou até mesmo pela padronização das formas, ou ainda como devemos ou não fundamentar nossa relação com a realidade objetiva. Esse impasse surge logo nas primeiras páginas do livro, com a discordância entre o Sr. Hackett e o casal Nixon em torno da dúvida que possuíam a respeito das razões de Watt ter descido do bonde antes da estação ferroviária.

There is no reason, my dear, said Mr. Nixon, no earthly reason, why he should not have requested the tram to stop, as he undoubtedly did. But the fact of his having requested the tram to stop proves that he did not mistake the stop, as you suggest. For if he had mistaken the stop, and thought himself already at the railway station, he would not have requested the tram to stop. For the tram always stops at the station. (BECKETT, 2009, p. 14)⁴

Com essa afirmativa, semelhante à formulação de uma tese filosófica próxima da dialética cartesiana, o Sr. Nixon demonstra categoricamente que descer antes da

4 Não há razão, meu caro, disse o Sr. Nixon, nenhuma razão terrena, para que ele não tivesse pedido ao bonde que parasse, como sem dúvida o fez. Mas o fato de ele ter pedido a parada do bonde prova que ele não errou na parada, como você sugere. Pois, se ele tivesse se enganado com a parada e pensado que já estava na estação ferroviária, não teria pedido que o bonde parasse. Pois o bonde sempre para na estação (tradução nossa).

estação foi uma opção de Watt, algo executado de caso pensado. Tese que o Sr. Hackett refuta prontamente: “Perhaps he is off his mind” (BECKETT, 2009, p. 14).⁵ A discussão segue até um ponto de conversão no qual todos parecem concordar com o fato de que Watt, na verdade, sofria de uma possível angústia provocada pela indecisão de permanecer ou sair da cidade.

The thought of leaving town was most painful to him, said Mr. Hackett, but the thought of not doing so no less so. So he sets off for the station, half hoping he may miss his train.

You may be right, said Mr. Nixon.

Too fearful to assume himself the onus of a decision, said Mr. Hackett, he refers it to the frigid machinery of a time-space relation.

Very ingenious, said Mr. Nixon.

And what do you suppose frightens him all of a sudden? said Mrs. Nixon.

It can hardly be the journey itself, said Mr. Hackett, since you tell me he is an experienced traveller.

A silence followed these words.

5 Talvez ele esteja fora de si (tradução nossa).

Now that I have made that clear, said Mr. Hackett, you might describe your friend a little more.

I really know nothing, said Mr. Nixon. (BECKETT, 2009, p. 15)⁶

A dúvida, enquanto objeto de exploração na narrativa, surge então como a razão principal de Watt não ter seguido até a estação de imediato. A provável insegurança em relação ao que esperar do novo destino leva-o ao impasse, e, em certa medida, a uma restrição de sua liberdade, uma vez que o medo de seguir em frente o impediria de se libertar do sofrimento que é permanecer onde está. Beckett traz à tona, com essa alegoria, um ponto de vista no qual o antagonismo entre certeza e dúvida aparece sobreposto em uma espécie de tautologismo abstrato, que, nada mais é do que uma crítica ao desconhecimento da realidade concreta, em um mundo

6 A ideia de deixar a cidade era muito dolorosa para ele, disse o Sr. Hackett, mas a ideia de não o fazer não menos. Então ele sai para a estação, meio que torcendo para perder o trem. Você pode estar certo, disse o Sr. Nixon. Temeroso demais para assumir o ônus de uma decisão, disse Hackett, ele se refere à máquina frígida de uma relação espaço-tempo. Muito engenhoso, disse o Sr. Nixon. E o que você acha que o assustou de repente? disse a Sra. Nixon. Dificilmente pode ser a viagem em si, disse Hackett, já que você me disse que ele é um viajante experiente. Um silêncio seguiu essas palavras. Agora que deixei isso claro, disse o Sr. Hackett, você pode descrever seu amigo um pouco mais. Eu realmente não sei nada, disse o Sr. Nixon (tradução nossa).

no qual, segundo Lukács: “reason was banished from every sphere of men’s social activity” (1981, p. 20).⁷

Nos anos que antecedem e atravessam a composição do livro, o autor irlandês testemunha o crescimento dos movimentos reacionários e da influência dessas organizações na concepção do pensamento geral da época. Um pensamento que, indissociável politicamente das imposições arbitrárias de setores vinculados aos interesses sociais e econômicos da classe burguesa, passa, deliberadamente, a distorcer fatos e dissuadir cinicamente, por meio de discursos demagógicos, os métodos de abordagem cognitiva da realidade. O principal objetivo desses movimentos se dá no controle proposital da forma com a qual seus seguidores passam a enxergar as contradições do mundo real. E, por consequência, sob o espéctro da manipulação irracionalista, Beckett evoca esse contexto, no qual “Men, women and animals appear all as puppets in a theatre of futility, caught up in the great swells of unconscious survival and also drifting towards final extinction” (RABATÉ, 2015, p. 61).⁸

7 A razão estava abolida de todas as esferas da atividade social do homem (tradução nossa).

8 Homens, mulheres e animais aparecem todos como fantoches em um teatro de futilidade, apanhados pelas grandes ondas de uma sobrevivência inconsciente e lançados à deriva para a extinção final (tradução nossa).

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

CONTATO
ulissesagmaciel@hotmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
offwhite 80 g/m², em janeiro de 2024.
